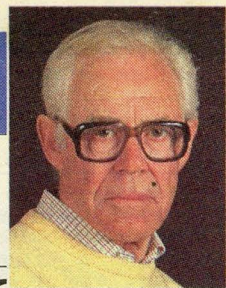


AUGUSTO ABELAIRA: ENFIM, O PRÉMIO DA APE



Ano XVII / N.º 694
De 21 de Maio
a 3 de Junho de 1997
320\$00
(IVA incluído)
Quinzenário

Director
José Carlos
de Vasconcelos

JL

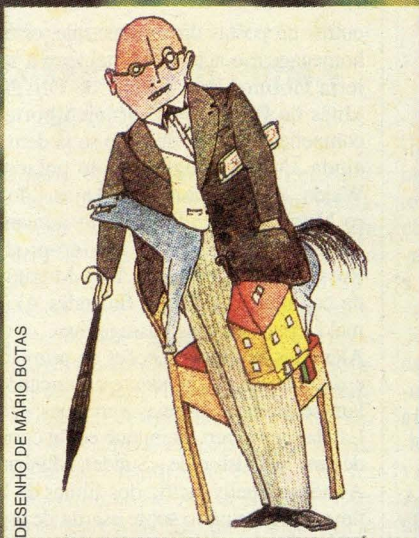
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

JL/Educação

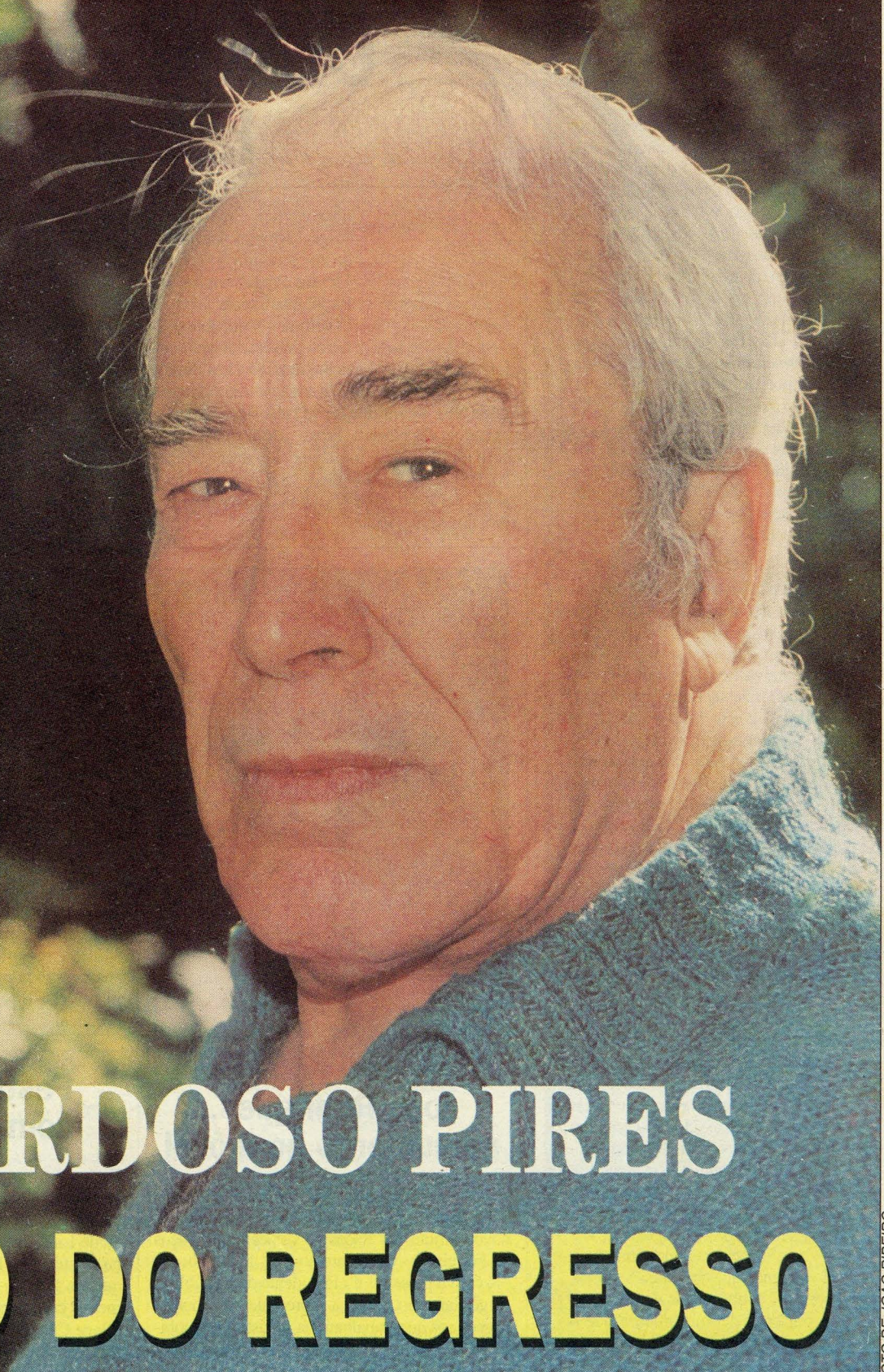
**OS MULTIMEDIA
NO ENSINO**

**ENTREVISTA
FRAÚSTO DA SILVA**

**PRÉ-PUBLICAÇÃO
UM NOVO PESSOA**



DESENHO DE MÁRIO BOTAS



JOSÉ CARDOSO PIRES O TRIUNFO DO REGRESSO

FOTO DE JOAO RIBEIRO

JOSÉ CARDOSO PIRES

«De Profundis, Valsa Lenta» é o novo livro de **José Cardoso Pires** a lançar amanhã, 22, com a chancela da D. Quixote. Uma reconstituição da memória de um tempo em que o escritor se viu desprovido dela em consequência de um acidente vascular cerebral. Ou o «testemunho impressionante de como o génio criativo floresce no sofrimento», como afirma João Lobo Antunes no prefácio. O «JL» antecipa excertos do livro e do prefácio e entrevista o escritor que venceu a «morte branca»

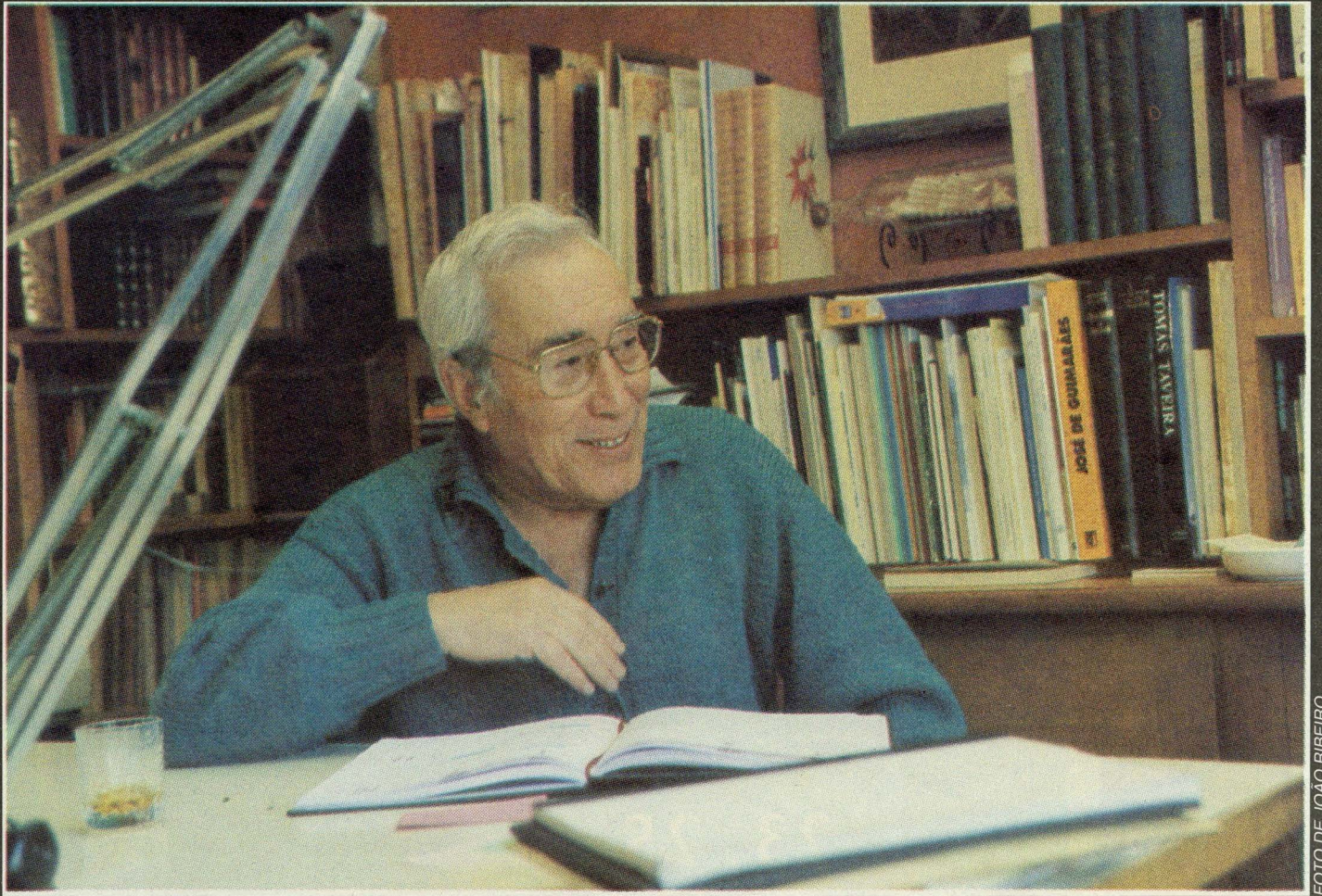


FOTO DE JOÃO RIBEIRO

Crónica de uma Morte Branca

MARIA LEONOR NUNES

Subitamente, sem alarde, nem aviso prévio, mergulhou naquela brancura que tudo absorvia. Era o dia 12 de Janeiro de 1995 e um acidente vascular cerebral branqueou a memória do escritor. De um golpe deixava de saber quem era. A Lusa noticiava «morte cerebral», o prognóstico era reservado. Mas, algum tempo depois, quis a sorte que voltasse a si. Do seu conhecimento da «morte branca», contamos agora José Cardoso Pires, no seu livro «De Profundis, Valsa Lenta».

Mas Cardoso Pires tem pronto outro título para acrescentar à sua literatura, em que poderíamos destacar as inesquecíveis páginas de «Os Caminheiros», de «O Delfim», de «O Anjo Ancorado», da «Balada da Praia dos Cães» ou de «Alexandra Alpha». A nova obra chama-se «Lisboa, Livro de Bordo» e será lançada, com tradução em vários idiomas, na Feira do Livro de Frankfurt, este ano consagrada a Portugal. É uma «abordagem pessoal» da cidade que o escritor elege entre todas no mundo. As vilas operárias, a Graça, o Cais do Sodré, o British

Bar e o American Bar ou o Procópio, e, mais recentemente, o Speakeasy, são alguns dos seus lugares de estimação. Não tolera, porém, ridículos revivalismos como os casamentos de Santo António. É conflitual a sua relação com Lisboa. Sobretudo com os poderes que a vão gerindo, excepção feita à gestão de Jorge Sampaio.

Destas e de outras coisas nós falou Cardoso Pires numa longa conversa contra qualquer questionário. Que o escritor não responde a perguntas. Fala ao compasso de uma valsa sem tempos. Entre a memória e o copo de uísque proibido pelos médicos. Como se segue.

«JORNAL DE LETRAS» — Quando se tornou claro para si que tinha que escrever a sua experiência do acidente vascular cerebral?

JOSÉ CARDOSO PIRES — Na verdade, não pensei nisso. Mas conversei sobre o caso com médicos amigos e dois deles disseram-me que estava a contar coisas que nunca tinham sido ditas. E fui escrevendo. A dada altura, tinha escrito um primeiro borrão, três vezes maior do que o livro, em que me servia da-

quela experiência para fazer uma ficção.

«JL» — No final da «Valsa...», fala, aliás, da necessidade de não cair na tentação da ficção.

J.C.P. — E era tentadora. Mas, por outro lado, comecei a pensar que era um analfabeto do meu corpo... Não sei nada de Medicina, nem gosto das pessoas que andam sempre a falar disso. E achei que podia dar um retrato do modo como um cidadão corrente, sem cultura científica, vê a sua morte. Não descrevo apenas o meu ponto de vista sobre a experiência que tive, mas também denuncio a minha falta de cultura científico-médica, os meus preconceitos, a maneira como encaro a morte...

«JL» — E como encara a morte?

J.C.P. — Hemingway disse: «É mais uma puta.» É isso. Pena que a definição não seja minha.

«JL» — O que contava nesse «borrão» inicial da «Valsa...»?

J.C.P. — Era a história de um tipo que perdeu a memória e, um belo dia, consegue fugir do

hospital e recupera-a no acto da fuga. E é como se começasse uma nova vida. Mas achei que não tinha interesse e acabei por pô-la de parte.

«JL» — Optou por um relato fiel à sua vivência...

J.C.P. — Sim. O livro é rigoroso. Tudo aquilo é verdade.

«JL» — Mesmo os companheiros de quarto que encontra naquela manhã redentora e que parecem personagens de ficção?

J.C.P. — Quando acordei não sabia onde estava e também não fiquei espantado. Só depois comecei a interrogar-me, minuto a minuto, e nunca consegui saber o que tinha vivido. Acordei e vi aqueles dois tipos, um em cada cama, exactamente como os descrevo. Um com os auscultadores, o outro meio paralisado e com aquela paixão pelo professor Lobo Antunes. Esse era um mestre de obras rico e sabe que não conto no livro algumas coisas engraçadas. O nome dele não era Ramires...

«JL» — Então?

FOTO DE INÁCIO LUDGERO

J.C.P. — Ele chamava-se Delfim...

«**JL**» — Que coincidência espantosa...

J.C.P. — E o senhor Delfim era sabido, cheio de dinheiro, inteligente. E sabia que eu era escritor. Porque um dia, tinha encontrado um livro chamado «O Delfim» e comprou-o. Deve ter sido o único livro que aquele homem leu na vida, porque se chamava Delfim. O sr. Álvaro, a que chamei Martinho, era um gabiru... Tinha um salão de bilhar na Nazaré, com um letreiro à porta que dizia: «Proibida a entrada a crianças e homens ao colo»... E fazia descrições dos pescadores, dos turistas, das praias que eram de cair para o lado.

«**JL**» — As conversas entre eles, tal como as descreve, eram divertidíssimas.

J.C.P. — Fiquei completamente seduzido. O vocabulário daqueles tipos era genial. Poucos escritores eram capazes de ter aquele dicionário. Por exemplo, aquelas expressões que usavam para as operações ao cérebro: «Vão-me arejar a mioleira» ou «Vão-me arejar o intrínseco.» Mas é evidente que para descrever aquele diálogo tenho que pôr muita coisa minha, porque não sou uma máquina registadora... Os tipos estavam sempre a brincar um com o outro. Mas era um brincar agressivo. Gozavam com a morte...

«**JL**» — Para iludir o medo?

J.C.P. — Estavam cheios de medo e aquela era a maneira que tinham de se salvarem. E o espantoso é que nunca se riam. Estabeleceu-se entre eles uma relação de quase amizade. Já não podiam passar um sem o outro. Uma médica contou-me que quando o primeiro foi operado, o outro desatou a chorar e disse: «Custa-me mais do que se fosse eu.» Tem piada esta ternura.

TOTAL INDIFFERENÇA

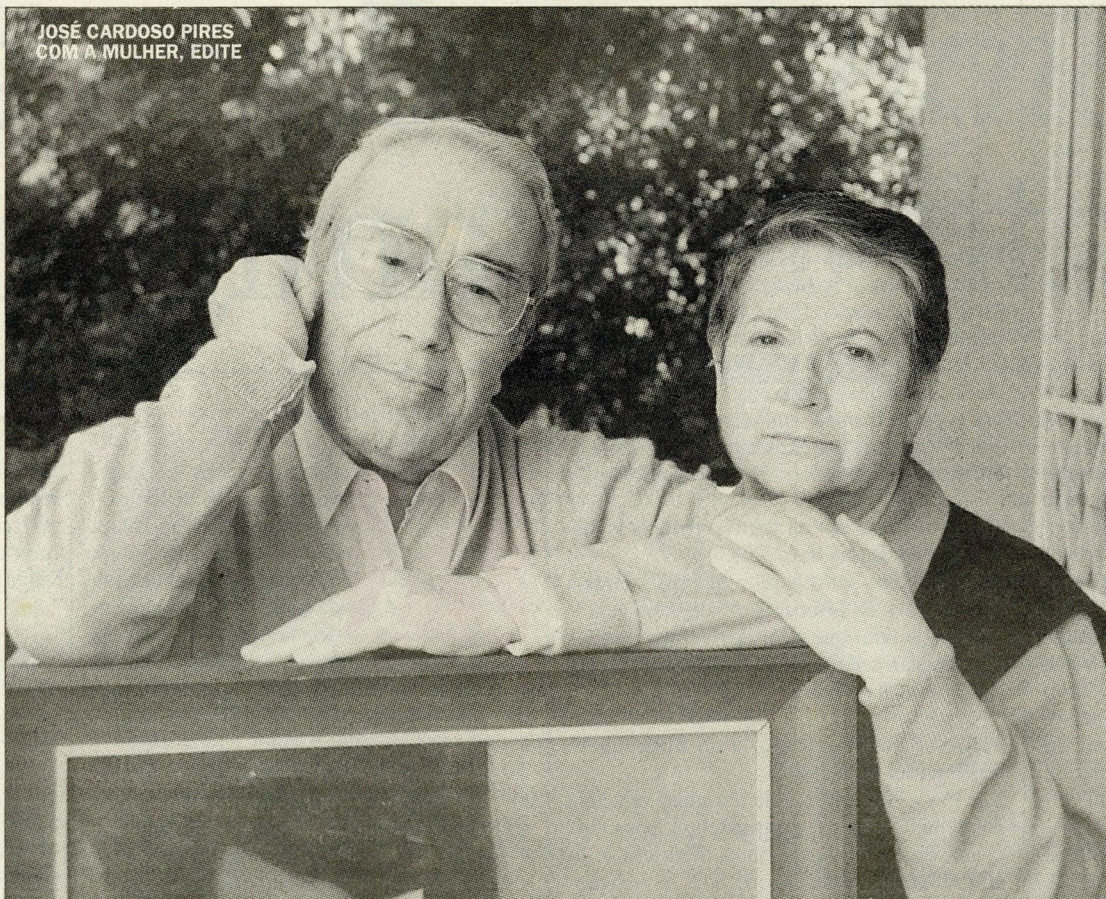
«**JL**» — Talvez também tenha chorado porque ficou mais só perante a morte.

J.C.P. — Sim. Aquilo era um diálogo de duas máscaras. Eles representam uma atitude em face da morte. Enfrentam-na, falando dela, mas com humor, o que é uma atitude rara. Há muitos anos, li num romance de guerra uma coisa espantosa: um tipo é condenado à morte e, quando entram na cela para o fuzilarem, ele estava a ler um romance... Sabem o que ele fez? Levantou-se e marcou a página onde estava... De alguma maneira, aqueles tipos no hospital estavam a fazer o mesmo. Mas o que gostaria também de sublinhar, tal como digo no livro, é que a morte ensina a vida.

«**JL**» — Durante todo o tempo em que esteve no hospital, não sentiu medo, nem dor...?

J.C.P. — Não tive tempo para ter medo. Houve raríssimos momentos em que via o que se estava a passar, mas nunca focado na realidade. Por exemplo, a médica a fazer-me perguntas e sentia que ela me estava a tratar como um anormal. E tinha aquela inquietação natural do tipo que está desidentificado. Ou seja, de vez em quando tinha uns lampejos de relação inconsciente com o meu passado, depois mergulhava outra vez no branco.

«**JL**» — Era a «morte branca», como diz na «Valsa...».



JOSÉ CARDOSO PIRES
COM A MULHER, EDITE

J.C.P. — É verdade. Era uma luz branca. As coisas viam-se, mas era tudo branco. Lembrou-me que um tipo assustou-me, porque veio direito a mim e tinha uma espécie de resplendor à volta. Eu andava no branco... Não dava por nada, não sabia de nada. Não sabia ler, nem escrever. Não tinha memória. Enfim, foi uma experiência diabólica. Safei-me por um triz.

«**JL**» — No prefácio ao livro, João Lobo Antunes diz que foi por um golpe de sorte...

J.C.P. — Ah, sim, nada indicava que pudesse safar-me. Um jornalista da Lusa noticiou «morte cerebral» e os médicos ficaram lixados com isso, porque ele tinha cometido um erro técnico. Mas o que é que isso interessa à Humanidade? O que impressiona é a perda da memória, o sair das relações reais... A própria perda de memória insensibiliza. Você não tem ternura nem ódio às pessoas, porque não se lembra delas, não as conhece...

«**JL**» — Fala no seu livro da indiferença que manifestou em relação a um amigo que chorava.

J.C.P. — Pois, segundo diz a minha mulher, porque não me lembro e falava com muita dificuldade, com consoantes pelo meio, eu disse: «Este tipo é parvo. Está a chorar porquê...» A insensibilidade é total. Dizem que andava sempre bem-disposto, com um sorriso. Uma pessoa sem memória é uma pessoa morta. Até porque perde a identidade.

«**JL**» — Foi isso que quis enfatizar nesta «Valsa Lenta», o que é acrescentamente

curioso, visto que a questão da identidade atravessa toda a sua obra literária...

J.C.P. — Pois. Até aqui, eu pensava que perder a identidade era a morte civil. Mas não, a morte não é civil, é física. Outra coisa que gostava de saber e só agora começo a poder falar com os médicos sobre isso, porque até agora fugi deles...

«**JL**» — Porquê?

J.C.P. — Para ficar mais livre. Mas o que gostava de saber é se um tipo sem memória pode ter sonhos. Por outro lado, a razão fundamental porque escrevi o livro foi a gratidão profunda à ciência e aos médicos. Não sou pessoa para andar a fazer cumprimentos e agradecimentos públicos, mas tive de o fazer neste livro.

GRATO DESLUMBRAMENTO

«**JL**» — Essa sua gratidão à ciência...

J.C.P. — É humanista. Não há literatura, poesia, arte nenhuma no mundo que se compare à imaginação científica. Há pessoas que vão ficar ofendidas, mas acho que faz mais falta o binómio de Newton do que a Vénus de Milo. Nem sei se o binómio de Newton não será mais prodigioso. O meu deslumbramento, com todos os riscos que envolve...

«**JL**» — Que riscos?

J.C.P. — Esta atitude é bastante perigosa, porque pode representar um certo positivismo fácil ou um certo romantismo suspeito. Muitas vezes, o endeusamento da Ciência vem da ausência de intimidade científica. Sinto essa gratidão por perceber como se refaz um homem, pela acção

do médico, o que me sensibilizou profundamente. Mas essa minha gratidão não é cega.

«**JL**» — O que quer dizer com isso?

J.C.P. — A autêntica Ciência é uma alta expressão do humanismo. O sonho dos energúmenos da sociedade, de um certo liberalismo de consumo, esse sonho dos robots, da tecnologia, isso é odioso. E há realmente médicos que gostariam de ser robots, porque não têm pulso para ir mais longe. Mas o médico que nunca leu um poema, que nunca viu um bailado, que não gosta de uma sinfonia ou de um fado, coitado. Sabe o que é um médico desses? É, por exemplo, o célebre Mengele dos campos de concentração. Matou milhões de pessoas, porque estava a fazer uma tarefa científica. Era preciso que a Ciência avançasse, mas o preço não interessava.

«**JL**» — Fala do prodígio da imaginação científica, mas não é sempre a vida e a morte que estão em jogo, quer se trate da Ciência ou, por exemplo, da Literatura? Será por acaso que muitos médicos se tornaram escritores?

J.C.P. — Ah sim, aqui, tivemos um tipo que devia ser tão mau médico como mau escritor, o Júlio Dantas. O pobre do Júlio Dinis, de açúcar e pucarinho,

também era médico... Mas a verdade é que há uma quantidade espantosa de médicos, em todo o mundo, que foram grandes escritores. Hoje, penso que isso está a baixar, o que pode querer dizer que existe um afastamento dos profissionais da medicina em relação às artes e às letras. Ou que o seu interesse se manifesta mais em relação às artes plásticas, porque elas já não são apenas uma arte, mas um investimento económico-cultural. Digamos que há uma elite. E fiquei profundamente tocado pelo que vi naquele período do meu tratamento, no Hospital de Santa Maria. Aliás, antes já lá tinha estado, quando tive aquele acidente brutal, como conto no livro. Apercebi-me que estava diante de uma gente com bastante cultura. Não eram propriamente os tais robots, tecnocratas. Acho que isso corresponde aos chamados yuppies, que foram para o galheiro e, hoje, andam a pedir. Mas um deles anda aí todo contente, o tal do desfalque... E ainda há uns galdérios que vestem a fardeta...

«**JL**» — E interessa-se pela literatura científica?

J.C.P. — Muito pouco. Depois da doença, li dois ou três livros, mais pelo lado humanista. Li, por exemplo, um livro com piada, «How to Die». Ao mesmo tempo que não sei nada da morte, ela interessa-me. Por exemplo, sou partidário da eutanásia. E os poucos livros que leio, nesse domínio, têm que ver fundamentalmente com o que a medicina representa no contexto social ou com a filosofia da ciência. Dois livros que acho muito importantes são «O Erro de Descartes», de António Damásio, que achei espantoso, e «O Modo de Ser», de João Lobo Antunes.

O LIVRO SOBRE LISBOA

«**JL**» — João Lobo Antunes fala, no início da «Valsa...», do seu espírito geométrico. E você fez o curso de Matemáticas. Não lhe ficou um «bichinho» pelas coisas da Ciência?

J.C.P. — Não. Na verdade, faltavam-me duas cadeiras para acabar a licenciatura, mas nada garante que pudesse ser um bom matemático. Também não se vai para a Faculdade de Le▶

«Não há literatura, poesia, arte nenhuma no mundo que se compare à imaginação científica. Há pessoas que vão ficar ofendidas, mas acho que faz mais falta o binómio de Newton do que a Vénus de Milo. Nem sei se o binómio de Newton não será mais prodigioso»

tras para escrever um romance. Mas evidentemente tenho uma enorme admiração e um certo recalçamento em relação ao conhecimento científico. E penso que qualquer pessoa civilizada o tem. Tanto assim que uns analistas da Literatura procuraram codificá-la a todo o custo, com essa coisa intragável e «chata» de que agora já ninguém fala, a semiótica.

«JL» — Numa entrevista, afirmou que a escrita era uma relação entre a mão, a memória e as margens do papel...

J.C.P. — ... Essa é uma das muitas definições sectoriais de uma actividade. Outra, por exemplo, é o jogo. Gosto muito do lado lúdico da Literatura. Criar um conflito, um espaço e descobrir nele falhas e a necessidade de concordâncias, ao mesmo tempo que se vão moldando as personagens que, às duas por três, são mais fortes do que quem escreve... Isso interessa-me muito. As vezes, estou a escrever uma história e percebo que há personagens que não gostam de mim. E só um idiota vai lutar contra as personagens. Devemos ir atrás delas e, depois, ou as metemos no livro ou as pomos na rua. Caso contrário, faz-se um livro conceptual e dogmático. Outras vezes, a personagem gosta logo de nós. Tenho impressão que estas duas personagens que encontrei, no quarto do hospital, gostaram logo de mim.

«JL» — Bom, vai também publicar um livro sobre Lisboa?

J.C.P. — Chama-se «Lisboa, Livro de Bordo» e vai ser lançado na Feira de Frankfurt.

«JL» — E vai sair em diferentes traduções?

J.C.P. — Em francês, inglês, espanhol, italiano e alemão. É um livro que comeci a escrever há três anos e fui andando com ele a pouco

e pouco. É uma abordagem de Lisboa, que é a cidade do mundo de que mais gosto. Marítima como nenhuma outra...

«JL» — O que quer dizer com isso?

J.C.P. — Se reparar, as calçadas são, em grande parte, mapas dos oceanos, ondulação, caravelas desenhadas, âncoras, datas de Descobrimientos. Além disso, é uma cidade de azulejos. E uma grande parte dos azulejos, sobretudo os do fim do século passado, do tempo do Bordalo, têm uma base de flores. E é como se isso se reflectisse nas calçadas. Outra coisa, e oxalá isso não se perca, é um metropolitano que é dos mais bonitos da Europa. Não é um comboio cego. Paramos num apeadeiro e temos a cidade que está por cima ali reflectida, as Laranjeiras, o Jardim Zoológico e por aí fora...

«JL» — Essas são as três vertentes de Lisboa que realça no livro?

J.C.P. — Por outro lado, o que me interessa são as vozes de Lisboa. É o fado, com aquele arrastar gutural que vem dos velhos pregões que desapareceram. É a própria semântica vocal e escrita da cidade...

«JL» — Faz, portanto, uma abordagem sentimental da cidade?

J.C.P. — Não se trata de um guia, nem falo de monumentos. Até porque acho Lisboa uma cidade pobre de monumentos. Tem um genial, chamado Jerónimos, que o CCB veio prejudicar extraordinariamente, um bolo de noiva chamado Torre de Belém e um caramelo estalinista que é o Padrão dos Descobrimentos. O meu livro é, no fundo, uma abordagem a uma cidade vivida, rememorada e questionada. É uma cidade que percorro, como sempre, a interrogar-me.

Carta a um amigo-novo

JOÃO LOBO ANTUNES

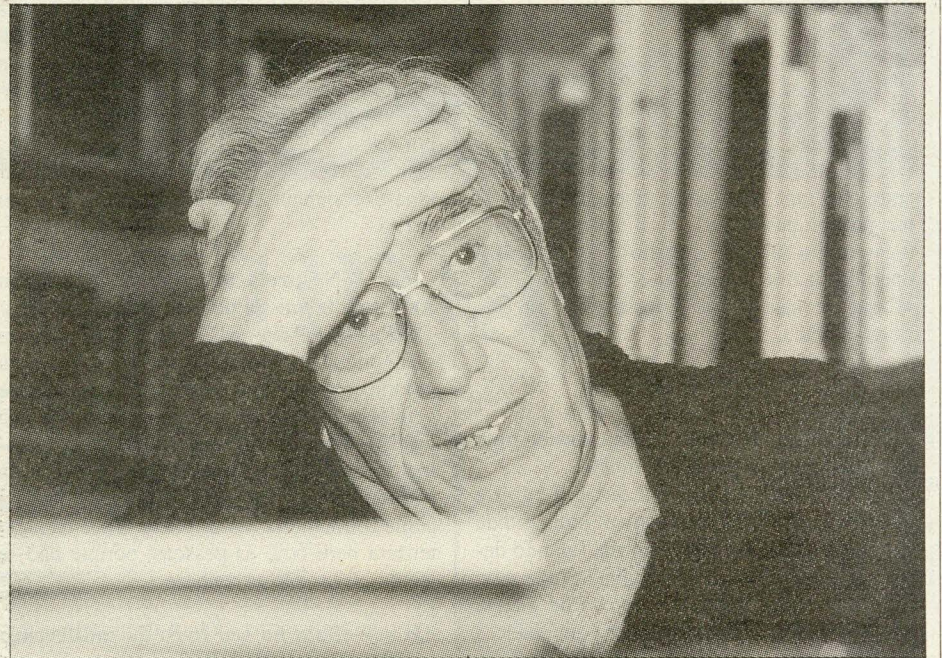
Meu caro Zé:

A

cabo de receber o seu manuscrito. Li-o com o alvoroço da primeira visita a um recém-nascido cuja gestação se acompanhou de perto. Fiquei encantado. Trazia ainda marcas do parto; os traços da sua belíssima caligrafia — letra de escritor —, que tanto me faz lembrar a de outro seu colega de ofício, íntimo de ambos.

Ao Editor terá V. transmitido o desejo que eu lhe acrescentasse um punhado de palavras à guisa de Prefácio. Não mo pedi directamente, porque temia talvez que eu não aceitasse a incumbência, porque embora tendo eu o «gosto pela escrita», estou bem consciente de até on-

o seu «caso» que dá o que se chama agora um excelente *case-study*. É que está na moda este tipo de exercício, como é também popular auscultarem-se manequins (de borracha, entendase), simular situações patológicas com actores treinados para o efeito, e outras invenções pedagógicas, que permitem ao aluno aprender sem tocar em doentes de carne e osso, tudo isto, a meu ver, por um entendimento vesgo de como se deve ensinar o ofício hipocrático. É claro que assim é impossível os aprendizes conhecerem o estado único de «humanidade ferida», no fundo a essência de qualquer moléstia. Confesso que foi mais difícil resistir à tentação de dissertar sobre a relação entre a doença e a criação artística que sempre me fascinou e que Sandblom tratou com exemplar erudição no seu «Creativity and Disease». Mas tanto já foi dito sobre a influência de pragas antigas e con-



de deve ir o sapateiro, e Prefácio para obra sua era de mais para este remendão.

É claro que não me falta experiência na análise e censura de manuscritos científicos, menos para lhes corrigir o estilo — que tantas vezes nem lá está — mas para pesar do rigor do método, espolhar os resultados, conferir as citações, apurar da lógica das conclusões. Embora haja, talvez sem V. querer, ciência no seu livro — e da mais fina —, qualquer correcção que neste sentido lhe sugerisse iria irremediavelmente estragar-lhe o paladar.

Poderia, é certo, elaborar a chamada «epicrise» do caso clínico, enunciando os sintomas iniciais, descrevendo o quadro estabelecido e a sua evolução, extraindo douts conclusões sobre o tipo de lesão e a sua localização, rejubilando-me, com a discrição que é própria das coisas científicas, pelo êxito do tratamento, que confesso não sei qual foi, mas desconfio que o resultado final se ficou a dever simplesmente ao triunfo de um cérebro optimista.

Julgo-me capaz de tal tarefa, mas iria roubar a oportunidade a outros de se debruçarem sobre

temporâneas: Keats, as Brontës, Júlio Dinis, António Nobre, Thomas Mann, e tantos mais que sofreram ou sucumbiram à tuberculose, e mais as cataratas de Monet, e a sífilis de Nietzsche, etc., etc.

Mais interessante para mim é a experiência de Chekhov, médico, doente e escritor que dizia ser a medicina a mulher legítima e a literatura, sua amante; quando de uma delas se cansava, passava a noite com a outra. Reconhecia, no entanto, que, se só pudesse contar com a sua imaginação para construir a sua obra literária, pouco teria para escrever.

Os seus colegas de ofício que se debruçaram sobre a minha profissão, com possível excepção daqueles que a cultivavam, raramente eram amáveis para nós. Recordo-lhe o veneno de Voltaire que dizia que as três pragas da humanidade eram a guerra, os padres e os médicos, e Montaigne, Molière, Bernard Shaw não lhe ficavam atrás. Noutra género, V. talvez conheça a gravura de Goya em que este se retrata, no leito, em grande sofrimento, com um enorme jericó a tomar-lhe o pulso. O meu ami-



FUNDAÇÃO ENG.º ANTÓNIO DE ALMEIDA

**A EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA
DE JEAN-PAUL SARTRE**

CAMINHOS DA LIBERDADE ENTRE A IDEOLOGIA E A HISTÓRIA

MANUEL FRANKLIN DA COSTA

Arcebispo do Lubango (Angola)

Prefácio de

Joaquim Cerqueira Gonçalves

Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

414 págs.

Preço: 2 500\$00 + 5% IVA

À VENDA NAS LIVRARIAS OU NA

FUNDAÇÃO ENG.º ANTÓNIO DE ALMEIDA

Rua Tenente Valadim, 231/325 — 4100 Porto

Tel. 606 74 18 — Fax 600 43 14

Email: fundantalm@mail.telepac.pt

http://www.feaa.pt

«De profundis, valsa lenta»

JOSÉ CARDOSO PIRES

go não sofre desta pecha e não procurou ocultar a sua gratidão. Não me surpreendeu, pelo que conheço de si, mas gostava de lhe contar que, um dia, o mestre que me ensinou a filosofia da arte e muito da sua técnica, me declarou impaciente *gratitude is a killing sentiment*. Nunca o percebi...

Devo dizer-lhe que é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento, ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto. E, muitas vezes, a agressão, como aquela que o assaltou, deixa cicatriz definitiva, que impede o retorno ao mundo dos realmente vivos. É por isso que o seu testemunho é singular, como é única a linguagem que usa para o transmitir. Eu explico-me melhor: o conhecimento científico das alterações das funções nervosas superiores obtém-se em regra por interrogatórios exaustivos, secos, monótonos, e recorrendo a testes padronizados, ou seja, perguntas idiotas cientificamente testadas e estatisticamente aferidas — dizem os autores.

Propositadamente, V. nada quis saber sobre o substracto neurológico do que lhe ocorrera, e disso dou testemunho. Um jantar arranjado com essa intenção, em restaurante apropriado da sua Lisboa, em que o dono me imortalizou a seu lado em «instantâneo» já devidamente pendurado, serviu tão-somente para eu conhecer melhor o amigo a quem escrevo, e lhe prestar esclarecimentos elementares sobre a matéria em estudo. V. que tem espírito geométrico, e não foi matemático porque não quis, fugiu a dar ao tema qualquer tratamento científico. Não conseguia contudo evitar dar-lhe tratamento literário, e o texto tem naturalmente o estilo que lhe confere uma experiente e riquíssima linguagem literária. E, como alguém disse, o que caracteriza esta é a técnica, que a impede de se tornar numa «forma utilitária de comunicação». Mas em minha opinião, a sua «história clínica» só poderia ser contada ao seu modo, o que significa que os fenómenos que descreve são mais facilmente apreensíveis através dos seus instrumentos narrativos, do que através de um relatório minucioso de um qualquer neuropsicólogo.

Tentei no passado, sem êxito devo confessar, que pacientes meus, com patologias e equipamento algo semelhante ao seu — inteligência, sensibilidade, poder de análise, talento discursivo, distanciamento introspectivo —, partilhassem com outros a sua história. Uma delas, mulher de excepcional perspicácia, ia-me descrevendo a sua recuperação motora e as estratégias que para o efeito utilizava com tal lucidez, que eu apostei que ela ia recriando exactamente o programa genético que põe um bebé, primeiro de gatas, depois de pé e finalmente a andar.

Uma outra, música brilhante, ia-me contando como a sua relação com a música se alterara, desde a enunciação do solfejo, ao dedilhar das notas, e como o instrumento se tornara num realejo de impávida brutalidade, sem modulação de sentimento ou emoção.

Depois de tão longa introdução pensará V. que, afinal, temos prefácio. Não meu caro, isto foi apenas o pretexto para o que se segue, foi o preâmbulo desta «carta a um amigo-novo». Novo num sentido duplo: primeiro, porque renovado na saúde (e a sua história dá força particular à ideia, que eu gostaria de tratar um dia com outra profundidade, da Medicina como triunfo do progresso), novo, para mim, ao aceitar-me no círculo, que eu sei acanhado, daqueles que estima. Esta é uma das benesses acessórias, mas não menos preciosas, da profissão que escolhi. (...)

Janeiro de 1995, quinta-feira. Em roupão e de cigarro apagado nos dedos, sentei-me à mesa do pequeno-almoço, onde já estava a minha mulher com a Sylvie e o António, que tinham chegado na véspera a Portugal. Acho que dei os bons-dias e que, embora calmo, trazia uma palidez de cera. Foi numa manhã cinzenta que nunca mais esquecerei, as pessoas a falarem não sei de quê e eu a correr a sala com o olhar, o chão, as paredes, o enorme plátano por trás da varanda. Parei na chávena de chá e fiquei. Sinto-me mal, nunca me senti assim, murmurei numa fria tranquilidade.

Silêncio brusco. Eu e a chávena debaixo dos meus olhos. De repente, viro-me para a minha mulher: «Como é que tu te chamas?»

Pausa. «Eu? Edite.» Nova pausa. «E tu?»

«Parece que é Cardoso Pires», respondi então.

*E agora, José?
[...] você marcha, José!
José, para onde?*

Carlos Drummond de Andrade

Ainda hoje estou a ouvir aquele *é*. Espantoso como bruscamente o meu eu se transformou ali *noutro alguém*, noutra personagem menos imediata e menos concreta.

Nesta introdução à perda de identidade que um transtorno do cérebro tinha acabado de desencadear, o que me parece desde logo implacável e irreversível é a precisão com que em tão rápido espaço de tempo fui despossado das minhas relações com o mundo e comigo próprio. Como se acabasse de dar início a um processo de despersonalização, eu tinha-me transferido para um sujeito na terceira pessoa (*Ele*, ou o meu nome, *é*) que ainda por cima se tomava mais alheio e mais abstracto pela imprecisão *parece que*. Além disso, a circunstância de ter respondido à Edite com o apelido e não com o meu primeiro nome, o mais cúmplice entre marido e mulher e o único que nos era natural, é outro indício do distanciamento provocado pelo golpe de azar que me destituía de memória e de passado.

Ele, o Outro. O outro de mim. Em menos de nada, já a Edite falava ao telefone com os médicos sobre esse alguém impessoal que eu estava a começar a ser. Ouvia-a do meio do *hall* em grande serenidade. Sabia, tenho essa ideia, que alguma coisa se estava a passar comigo, uma coisa oculta, activa, mas nessa altura já principiava a ouvir e a sentir *só de passagem, sem registar*. (Mesmo assim tinha algum conhecimento da ansiedade que me rodeava: Isto não vai ser nada, creio ter dito à Sylvie quando a descobri no corredor, atenta aos telefonemas da Edite.)

Lembro-me de que essa manhã foi invadida por um aguaceiro desalmado, ouvia-se uma chuva grossa e pesada lá fora, mas deve ter sido passageira, porque, quando acabou, a Edite ainda estava ao telefone. A partir de então tudo o que sei é que me pus ao espelho da casa de banho a barbear-me com a passividade de quem está a barbear um ausente — e foi ali.

Sim, foi ali. Tanto quanto é possível localizar-se uma fracção mais que secreta de vida, foi naquele lugar e naquele instante que eu, frente a frente com a minha imagem no espelho mas já desligado dela, me transferi para um Outro sem nome e sem memória e, por consequência, incapaz da menor relação passado-presente, de imagem-objecto, do eu com outro alguém ou do real com a visão que o abstracto contém. Ele. O mesmo que a mulher (Edite, chama-se ela mas nada garante que esse homem ainda lhe conheça o nome, que não a considere apenas um facto, uma presença), exacto, esse mesmo Ele, o tal que a Edite irá encontrar, não tarda muito, a pentear-se com uma escova de dentes antes de partirem de urgência para o Hospital de Santa Maria e o mesmo que, dias depois, uma enfermeira surpreenderá em igual operação ao espelho do lavatório do quarto.

Dias depois, quando?

Sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto. Perde-se a vida anterior. E a interior, bem entendido, porque sem referências do passado morrem os afectos e os laços sentimentais. E a noção do tempo que relaciona as imagens do passado e que lhes dá a luz e o tom que as datam e as tornam significantes, também isso. Verdade, também isso se perde porque a memória, aprendi por mim, é indispensável para que o tempo não só possa ser medido como sentido. Assim, ao ver o meu Outro eu a pentear-se com uma escova de dentes num quarto de hospital (conforme me contaram depois), pergunto-me quantas vezes lhe aconteceu aquilo e logo de instante vejo uma enfermeira a aparecer-lhe por trás e a trocar-lhe a escova pelo pente, sem

um comentário, sem uma palavra sequer, pura e simplesmente na prática de quem executa uma rotina. E ele a obedecer-lhe sem a menor resistência, ele como que a cumprir a parte que lhe compete nessa rotina. Sempre este jogo?, pergunto.

Talvez. É possível que a aceitação apática do erro se devesse à sua incapacidade mnemónica de relacionar — e portanto de questionar. Possível. *Para ele, agora ou ontem tudo era outrora, mundo alheio ou como tal. E desinteresse. O constante e desinteressado desinteresse do homem desabilitado de pessoas e de lugares, de tempo e de sentimentos.*

Apatia, nesse caso? Nesta fase do processo admito que não se tratasse propriamente de apatia, os médicos é que poderão dizer. Que eu saiba, ele ao princípio sabia-se doente. Ou teria uma percepção limiar da impossibilidade de se conjugar com os outros, uma impossibilidade com a qual convivia numa aceitação natural. Recordo-me até de que ao observar uma coisa que lhe chamasse a atenção a punha instintivamente de parte porque tinha como certo que um segundo depois a iria esquecer.

Ouvir e perceber enquanto ouvia mas apagar prontamente era o traçado em que ele se movia. Ouvir e

apagar logo-logo. Apagar. E ver, ver também contava. Ver pessoas (figuras) através dum vidro mudo e perdê-las acto contínuo. Tudo sem angústia, como quem preenchesse o tempo numa serenidade terminal. Como quem, na desertificação que o invadia, fosse avançando para a morte cerebral num cenário de contornos indiferentes.

Nas *Poesias*, de Drummond de Andrade, que tenho acolá, na estante, José marchava. Mas para onde, José?

